

VIDA ANTES DA MORTE

LIFE BEFORE DEATH

HERBERT DANIEL



ABIA

Copyright © 1989, by Herbert Daniel

Direitos desta edição reservados para/
Rights for this edition by

ABIA — Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS

Rua Sete de Setembro, 48/12º andar — Centro

20050-000 — Rio de Janeiro — RJ — Brasil.

Tel.: (021) 224-1654 Fax: (021) 224-3414

Capa/Cover:

Cláudio Mesquita (d'après Picasso)

Tradução/Translation:

Elizabeth Station

Editoração eletrônica/Desktop publishing:

Tanara de Souza Vieira

Produção gráfica/Design:

A 4 mãos

Impressão/Printing:

Graphos Ltda.

Apoio/Support:

MISEREOR

Este livro foi traduzido para:
Italiano, francês, japonês e tai

This book was translated in:
Italian, French, Japanese and Thai

PREFÁCIO

A AIDS nos ensina muitas coisas. Talvez mais do que qualquer outra coisa, a epidemia nos ensina a importância da memória — da nossa capacidade de superar a dor e o sofrimento das nossas perdas lembrando, e valorizando, o brilho daqueles que perdemos.

Mais de dois anos já passaram desde a morte de Herbert Daniel. Poucas pessoas nos ensinaram tanto sobre a luta pelos direitos humanos e pela dignidade — sobre o que significa viver com HIV e AIDS, especialmente em um país como o Brasil, no fim do século XX.

Mais de quatro anos se foram desde a publicação da primeira edição de *Vida Antes da Morte/Life Before Death* (Jaboti, 1989). Poucos textos contiveram tantos ensinamentos tanto quanto os artigos reunidos neste pequeno livro. Escrito no calor da paixão, durante o que certamente foi um dos momentos mais profundamente criativos de sua vida, durante os meses imediatamente seguintes ao seu diagnóstico como portador do vírus da AIDS, os ensaios apresentados em *Vida Antes da Morte/Life Before Death* marcam um dos momentos mais importantes na história coletiva da epidemia de AIDS. Talvez mais que qualquer outro livro, *Vida Antes da Morte/Life Before Death* assinala a virada, no final dos anos 80, quando o mundo começou a perceber que existe de fato vida antes da morte, que a infecção pelo HIV e até a AIDS não podem ser equiparadas com fatalidade inevitável, que essa equiparação produz uma morte social, uma morte civil, infinitamente mais cruel e horrível do que qualquer morte biológica poderia ser. Assinala o momento em que começamos a perceber, embora de modo tentativo e tênue, que é possível viver com HIV e AIDS —

No entanto, somos o que foi feito com nós mesmos. Somos isto de quem somos feitos, esta matéria de tempo. Muitas revoluções podem amadurecer, no entanto, nessa nossa carne de passagem.

Meu tempo, minha substância, esta coisa que temos sido, eu e quem diz eu, não tem sido o que eu queria chamar de vida. Mas tanto me tenta que acontece como gozo precoce, incurável. Uma coisa dentro de mim contagiosa e mortal, perigosíssima, chamada vida, lateja como desafio.

Mudar, remodelar — um desses verbos ou seus sinônimos, um deles sempre esteve remexendo dentro de mim, uma coisa voraz que me corroía. Isto era esperança. A esperança. Este que sempre tive, pluralmente: gente, a gente, agentes dos caos da luz.

posfácio

ESTAMOS BEM, OBRIGADO. SÓ TEMOS AIDS

Cláudio Mesquita

Um dia, em menos de quarenta segundos, ela desabou sobre nós. Não que não fosse esperada, ou melhor, temida: há três anos, ela é assunto diário dos nossos quase todos momentos. No entanto... Até que aconteça, cada um de nós reveste-se um pouco com a fantasia da exceção, com as borrachas lubrificadas do «em mim, não, violão».

E então chegou. E trouxe com ela a certeza da mortalidade, que fazemos questão de esquecer, para achar que a vida é bela. Todos nós morremos pouco a pouco desde que nascemos; mas a certeza da morte é fato que precisamos esquecer: gostamos de nos sentir individualmente imortais.

Pode parecer estranho que eu esteja falando no plural, como se se tratasse de uma doença coletiva que desabou sobre a nossa casa. Mas foi, de fato, o que aconteceu. Somos dois, há mais de dezoito anos. E somos assim em tudo que fazemos; não seria diferente diante da Aids. E certamente não será diferente diante da morte. Estamos casados. Não um desses casamentos que se forjam na papelada burocrática dos cartórios ou se fundam apenas na efêmera aventura sexual. Estamos casados em cada segundo da vida. Naquilo que fazemos juntos, pensamos juntos, criamos juntos, planejamos juntos — temos em comum presente, passado e futuro. Sim, futuro, por que não?

Herbert, meu companheiro de vida, está com Aids. E o fato de nenhum sintoma ou presença do vírus ter aparecido em mim não me deixa menos doente do que ele. Adoecemos juntos, sofremos juntos, enfrentamos cada crise provocada pelo vírus e, sem dúvida, enfrentaremos a morte juntos. E mesmo que um de nós

permaneça depois do outro, já estará um pouco mais morto, pois estará só.

Nesses três anos em que a Aids foi tema central de quase todas as nossas conversas e razão do nosso trabalho, duas coisas nos pareciam evidentes, em relação aos que adoeciam: só a solidariedade pode servir de alento. Só a idéia de que se está tão vivo quanto antes pode dar forças para enfrentar as doenças oportunistas e superá-las uma a uma.

O acontecimento da Aids em nós confirmou essas certezas. Não bastam tratamentos médicos adequados — ainda que sejam fundamentais. É preciso dividir com os que se ama os medos, as esperanças, o gozo de cada melhora, os sentimentos em relação à vida e à morte. Enfim, é preciso, mais do que nunca, continuar partilhando a vida. Não há pior mal (e esta é a verdadeira praga) do que a clandestinidade e a solidão que ela traz.

Por outro lado, vimos que, de fato, o processo de tratamento da Aids não se assemelha em nada a uma lenta desintegração física, como nos quer fazer crer toda uma «campanha de esclarecimento» oficial. Não há, desde o contágio, um processo agônico ininterrupto, cujo desfecho é a morte. O que há são algumas doenças oportunistas de maior ou menor gravidade, que não acontecem necessariamente em seqüência, nem próximas umas das outras. O doente é apenas uma pessoa mais fragilizada, que deve ter certos cuidados. Mas quantas pessoas não são assim desde que nascem, e vivem com este fato até a velhice? Portanto, o doente de Aids não é um moribundo, e nem um inválido. É só uma pessoa com uma doença (muito séria, sim) como qualquer outra doença — precisa de cuidados — e, sobretudo, precisa saber que está vivo e deve continuar a pensar, planejar, criar, se divertir e trabalhar.

Sim, nós estamos com Aids, aqui em casa. Fato triste, como é triste qualquer mal que não tenha resposta da sociedade. Se nos livrarmos da culpa que não temos, se nos livrarmos da «agonia degenerativa» que não vemos, se nos livrarmos da «solidão clandestina que não devemos» — seremos apenas pessoas como sempre, que já viveram algumas doenças e, com certeza, ainda viverão outras, até que morram de uma delas... Como todo mundo, aliás.

Herbert Daniel

PREFACE

LIFE BEFORE DEATH

ABIA

2^d edition

1994